



Inclusão ou exclusão: sobre a disposição do gênero no ritual de renovação do Sagrado Coração de Jesus

Ricardo Justino dos Santos¹

1. Introdução

Objetivar-se-á na presente comunicação, compreender como se configura a participação feminina e masculina no rito de renovação do Sagrado Coração de Jesus. Realizado em lares de uma comunidade rural no interior do Ceará. No Sítio Baixa Grande, Cidade Santana do Cariri, localizada na região metropolitana do cariri.

O culto de renovação do sagrado coração tem suas raízes enquanto devoção na origem dogmática cristã. Desse modo, considerado como devoção autêntica, ao passo que atesta a fé dos católicos há séculos, constituindo um signo no ambiente cristão. (FERNANDES, 2005, p.105).

Segundo Gonçalves (1997) *apud* Fernandes (2005), o ritual de renovação do Sagrado Coração de Jesus tem sua manifestação pública desde o período de romanização do catolicismo popular. Após esse período a devoção do Sagrado Coração dissipa-se rapidamente não só na região do Cariri, mas em todo o Nordeste em torno da figura do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Com um alcance maior para além da igreja, o rito estende-se até as casas dos fiéis em forma de: Renovação das Famílias ao Sagrado Coração.

Na abordagem que pretendo aqui, temos o rito de renovação expressado usualmente no espaço urbano, transcendendo ao rural. Nesse sentido, saliento dizer que os grupos/ comunidades, não são em si estacionários e unos, e que delimitar fronteiras para estes, a fim de preservar seus traços originais não é uma tarefa viável. Assim, o que temos é uma (re) apropriação constante, que corrobora em novas leituras dos espaços e das práticas sociais.

Em pesquisa sobre o rito de renovação na cidade de Exu- PE, Araujo (2003, p. 72) constatou segundo o relato dos participantes deste, que

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri- URCA. ricardojustino.s@hotmail.com



primordialmente a atividade de celebração era desempenhada por um pároco/ padre, e que, com o passar do tempo veio a ser assumida por mulheres. O gênero com essa conotação central no ritual em questão é exatamente o fio condutor no qual desenvolve esse trabalho.

A religião cristã; detenho-me aqui ao catolicismo, sendo o rito de renovação vindouro desse movimento, é um tema simbolicamente e hierarquicamente masculino em sua predominância. Com base nisso, objetivo ainda como um ponto de discussão mais adiante, o paradoxo gerado por essa exclusão do feminino, frente a uma participação majoritária destas em práticas paralitúrgicas; como é no rito da renovação do Sagrado Coração de Jesus.

A metodologia utilizada para análise desses pontos classifica a pesquisa como sendo de caráter qualitativo. Recorrendo-se a abordagem etnográfica no intuito de descrever o rito. Devido sua ocorrência anual e ainda numa comunidade rural relativamente pequena, a logística constituía-se quase sempre a mesma em todas as casas, isso, em um período aproximadamente de um ano.

2. O cariri de aproximações com o divino

O Cariri Cearense configura-se a cada dia como um espaço manifestuoso de aproximações com o divino. Os que caminham ao sol em romaria, reafirmam a cada passo a sua fé. Os espaços por vezes profanos são invadidos pelo fenômeno religioso tornando-se assim profundamente sagrados, e vice-versa.

A exposição de imagens sagradas ao sol, em forma de estátuas grandiosas em significação e simbolismo, não afetam em nada a crença do fiel que faz destas, o seu próprio sol. A madeira pesada sob os ombros dos homens junto a uma coletividade em cortejo carrega e levanta um símbolo da crença, até mesmo, a de casar crendo/ confiando na graça do santo.

Essas representações religiosas de aproximação divina configuram o Cariri como um produto de mesclas das dimensões tradicionais e modernas. Enquanto atração devido a ocorrência dos eventos aludidos, esse espaço



possibilita além do disseminar de culturas, uma transitoriedade maior entre os que aqui vivem e os que para cá vem.

Nas áreas rurais; disseminadas pela cultura urbana e por esse fluxo de pessoas, as dimensões do moderno e do tradicional são borradas impossibilitando uma delimitação do que continua tradicional, e o que se constitui moderno, não desprezando os traços existentes destes.

Esse ponto serve como uma chave de esclarecimento para a discussão que segue, sendo o Cariri um espaço rico, religiosamente, culturalmente e geograficamente. A abordagem tange do espaço urbano, porém, não deixa de ser Cariri.

3. Lugar de fala entre o *dito* e o *feito*

A mulher enquanto *tiradora* de renovação, sempre esteve presente no meu cotidiano ao longo da infância e adolescência. Metodologicamente, enquanto uma preocupação em relação a prática, estabeleço aqui alguns apontamentos em relação a esse lugar de fala enquanto pesquisador, de modo a direcionar criticamente inferências do campo de pesquisa, no qual já estabelecia familiaridade.

Partindo de uma perspectiva durkheimiana “que vê nos cultos e rituais verdadeiros atos de sociedade nos quais são reveladas visões de mundo dominantes de determinados grupos”, Peirano (2001, p.10-11) conclui não ser possível separar o *dito* do *feito* ao focalizar em seu trabalho o que os sujeitos fazem, tanto ou mais do que dizem fazer

O *dito* diz respeito a fala, um evento comunicativo que deve ser colocado em contexto para que seu sentido seja compreendido, o *feito*; suponho o ritual, sublinha o que é comum em uma sociedade.

Desse modo, o *dito* pelos interlocutores do meu campo de pesquisa já era de conhecimento, assim como, o *feito* por eles. Ambos estabeleciam familiaridade e certa significação pessoal, pois, era nativo enquanto residente daquela comunidade.

Considerando essa questão, recorro e “abraço” o que Cordeiro (2013) desenvolveu em situação similar, ao deparar-se com as implicações da



romaria em Juazeiro do Norte; seu campo de pesquisa, como algo que sempre esteve presente no cotidiano da pesquisadora, até então: “como espectadora, percebia as romarias como fenômenos repetidos, com data marcada” (CORDEIRO, 2003, p.33).

Seguindo a perspectiva apresentada pela autora: “foquei a atenção nas dificuldades que envolviam o estranhamento crítico num contexto que é cotidiano ao pesquisador” (CORDEIRO, 2003, p.28 e 29).

O contato com referências bibliográficas de gênero que tive ao ingressar na Universidade foi de grande relevância para o enfrentamento dessas dificuldades. Voltei-me para o rito de renovação percebendo a participação massiva de mulheres, esse fato, em reflexão com a bibliografia de gênero, suscitou-me as primeiras perguntas para superar a realidade social naturalizada: Quais os vínculos do ritual religioso com as questões de gênero? Inclusão ou exclusão da mulher sob a ótica do gênero? O que tem por traz da disposição do feminino e do masculino no ritual?

A partir dessas inquietações e em análise com as referências bibliográficas, consegui *recusar* o familiar, voltando o olhar dessa vez, em direção ao paradoxo oriundo dessa análise: a mulher, ora excluída hierarquicamente na igreja, ora desempenhando o papel central em práticas paralitúrgicas (rito de renovação).

4. O ritual de renovação do Sagrado Coração de Jesus e a disposição do gênero

Início este item com uma descrição dos espaços e práticas que constituem a renovação do Sagrado Coração de Jesus, como fruto das observações *in lócus*, almejando o alcance dos objetivos estabelecidos.

A data casualmente escolhida pela família para que o rito seja (re) atualizado anualmente sempre naquela data, perpassa por eventos tais como: o 3º domingo do mês, datas de aniversário de algum membro da família, dia do santo de devoção da família ou um motivo outro de significação maior para a unidade familiar. Nos casos acompanhados, o rito acontecia sempre no dia em que a família fez a mudança ou passou a habitar a casa construída pelos próprios.



O rito tem a finalidade de renovar a fé em/ na família, como observado, a partir do dia em que a unidade familiar se constitui naquele lar. Nesse sentido vemos como o ideal de família pregado principalmente pelo catolicismo, pesa sobre as vivências e práticas cotidianas. O ritual entra como um dispositivo em que ao passo que renova a fé de quem pratica, auxilia e fortalece a vida em família.

Na preparação do rito, o ideal de reciprocidade é bastante pregado. Se inicialmente o convite lhe é feito; e nesse caso o convite restringe-se para além da participação no rito, na participação da ceia/ almoço/ jantar, no ano seguinte este não se estabelece mais. Isso acarreta em um ato recíproco ao outro em comparecer ao ritual nas suas edições vindouras. Assim como em caso inverso.

A preparação começa com uma semana de antecedência, *o homem/ dono da casa*, faz uma reforma ou quando não, apenas renova a tintura das paredes da casa, dependendo do estado em que essa se encontra. Esforços não são medidos, tudo tem de ficar muito acolhedor, um verdadeiro lar para a renovação que se aproxima.

No dia do rito as atividades começam bem cedo, logo pela manhã, com a preparação de carnes, abatimento das aves; a típica galinha caipira, para o preparo do jantar. Essa atividade é desenvolvida por mulheres, a *dona da casa*, entre outras que são convidadas pela mesma pra esse auxílio nas atividades culinárias. O critério para esse convite é ser reconhecida por um bom desempenho na cozinha em preparação de alimentos. Além de ter afinidade/ proximidade afetiva com a *dona da casa*.

As atividades domésticas restritas ao ambiente físico da casa são desempenhadas quando não por uma filha mais jovem, pela mãe desta, a *dona da casa*. São: limpar a casa, colocar um jogo de cama limpo e novo; na maioria das vezes o *berço improvisado* de crianças levadas pelas mães, dispor cortinas e tapetes e ornamentar a *mesa do santo*. Este último considerado um verdadeiro altar na sala da casa. “Esta sala é sempre bem localizada e respeitada por todos como uma igreja, um lugar santo (...)” (FERNANDES 1997 *apud* GONÇALVES, 2005, p. 112 e 113).



Na sala, no centro da parede; raramente a que fica em frente para a porta principal da casa, uma moldura, sempre o maior com a imagem do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria. Aos arredores deste, os santos de devoção da família que são dispostos em molduras menores. Na *mesa do santo* a toalha casualmente branca, por vezes bordada, um castiçal de velas e um arranjo de flores artificiais. No chão uma almofada ou um tapete, pois o rito é realizado de joelhos flexionados ao chão.

Toda essa preparação ocorre durante o dia. A partir das 17 horas os primeiros convidados começam a chegar para o jantar que será servido logo mais. Aqui o homem/ *dono da casa* ganha mais algumas atribuição no rito: a recepção dos outros homens, a presença na mesa quando a comida é servida, e logo depois na companhia feita para estes outros homens fora da casa em bancos de madeira e/ ou cadeiras, além da solta de fogos durante o rito.

As crianças quando não dormem, correm/ brincam em frente a casa. Os homens em alto e bom papo conversam sobre assuntos diversos: agricultura; *roça*, festas, e tem os que arriscam ainda falar de mulher; o público masculino que frequenta o rito não é estritamente casado, fato também, que não os impede de tocar no assunto. Às 19 horas da noite, os fogos no céu anunciam o início da renovação.

O rito é realizado por uma mulher, e essa, desenvolve apenas a faculdade de ler/ recitar quase que atropeladamente as palavras; nem sempre isso é passado de geração para geração.

Ajoelhada, adversa aos demais, ela começa com a invocação da santíssima trindade: *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!*. No desenvolvimento do rito são feitas algumas colocações prescritas em um livreto, elas se dirigem em relação á família, ao sagrado coração de Jesus e Maria, e ao lar renovado naquele momento em ritualização por Jesus Cristo. Além de músicas cantadas em intervalos entre orações.

A letra de uma musica em particular me chamou a atenção na finalização do rito, *Cantemos*:

Que nenhuma família comece em qualquer de repente
Que nenhuma família termine por falta de amor



Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente
E que nada no mundo separe um casal sonhador.
Que a família comece e termine sabendo onde vai
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor
E que os filhos conheçam a força que brota do Amor.
Abençoa, Senhor, as famílias. Amém!
Abençoa, Senhor, a minha também! (bis).
Que marido e mulher tenham força de amar sem medida
Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão
Que as crianças aprendam no colo o sentido da vida
Que a família celebre a partilha do abraço e do pão.
Que marido e mulher não se traiam nem traiam seus filhos
Que o ciúme, não mate a certeza do amor entre os dois
Que no seu firmamento a, estrela que tem maior brilho
Seja a firme esperança de um céu aqui mesmo e depois.

(Pe. Zezinho, SCJ), fonte: <http://letras.mus.br/padre-zezinho/205789/>

O rito é finalizado com um lanche; bolos, biscoitos, refrigerante, café e/ou chá, preparado por algumas mulheres que ficam na cozinha durante o rito. O objetivo inicialmente intentado é conquistado, a família e a fé são renovadas.

5. Onde estão os jovens no rito?

Os jovens rapazes que comparecem junto aos pais, *ficam* pelos arredores da casa com as moças desinteressadas da renovação. Esse comportamento é tido como *desviante* da norma padrão que se espera de uma mulher, que seria estar dentro da casa na companhia da mãe a orar. Por vezes, no dia seguinte essas moças têm como consequência do seu comportamento o *ficar mal faladas* na comunidade.

Aqui, uma ressalva:

Dizer que a sociedade inteira se laiciza implica que a vida social não é mais, ou torna-se cada vez menos, submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa. A religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar um sentido à sua vida e a suas experiências. (HEVIEU-LÉGER, 2008, p. 34.).

Se pensarmos no comportamento das moças que frequentam o rito por esse viés, constata-se, sim, a instituição religião deixando de reger preceitos sobre a vida individual destas. O interesse das moças vai para além da esfera religiosa. Assim como religião já não tem mais o mesmo efeito moral na orientação desses, principalmente os mais jovens.



A pretensão que a religião tinha foi se tornando ilegítima. Ligada a um ideal de secularização fruto da predominância da racionalidade científica. Tinha-se um modelo religioso tradicional onde o sentido derivava do exterior, na modernidade o que se tem é uma espécie de privatização onde cada indivíduo de forma autônoma e racional torna-se responsável por esse sentido. (HEVIEU-LÉGER, 2008).

6. O gênero

“[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e [...] é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1991, p.21)

Ainda, “Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos” Scott aponta para quatro elementos que tem relação entre si, destaco o primeiro: “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas” (Idem, 1991, p.21).

Pensando por essa perspectiva, e em análise com a proposta desse trabalho, temos como símbolo da mulher no Cristianismo Maria de Nazaré, mãe de Jesus, como principal representante e exemplo a ser seguido. Segundo Silva:

Destaca-se que esse é um ideal de mulher reforçado pelo cristianismo e aceito e perpassado nas sociedades que adotam essa religião. O que evoca a imagem da mulher como mãe, cuidadora, nutridora e guardião das tradições, condição de gênero social culturalmente construídas, [...] Exemplo esse que tem como principal característica o sacrifício pelo o outro, o desapego, o despojamento do prazer, o acolhimento e aceitação dos “desígnios de Deus”, frente às adversidades da vida.”(SILVA, 2009, p.96).

Essa imagem influencia profundamente o que se compreende por representação feminina e conseqüentemente na desigualdade de gênero. Na conceituação de Scott (1991), o masculino e o feminino têm de ser pensados de modo contrário a categorias fixas, é preciso relativizar essas definições, buscando uma nova perspectiva sobre estes símbolos.

Durante todo o desenvolvimento do rito é notório o desempenho majoritário das mulheres em praticamente tudo que o circunda. Cabe ainda como papel designado a ela, até mesmo o ato de interceder pela família:



São as mulheres que tradicionalmente pedem, rezam, apelam, se sacrificam, acreditam, suplicam, aos poderes divinos e sociais por mudanças objetivas ou subjetivas. São as mulheres que pedem a intercessão divina para família, que buscam cura para filhos, maridos pais e para si mesmas. São as mulheres que, tradicionalmente, fazem promessas e se disponibilizam a cumprirem essas promessas em prol de si e dos demais membros da família. (SILVA, 2009, p. 95).

É de conhecimento que os ensinamentos da igreja induzem as mulheres a evocar seus papéis tradicionalmente construídos. Quando partimos para a interpretação da letra aludida no tópico: *O ritual de renovação do Sagrado Coração de Jesus e a disposição do gênero*, logo ficam visíveis essas questões. O homem, a mulher, e o filho, são a constituição familiar que atende ao socialmente construído. Os filhos conhecem “a força que brota do amor” de um modelo paterno e materno, homem e mulher, biologicamente falando.

Em: “Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor”, o “ser mulher” aqui, denota essa enquanto, afetiva, materna e calorosa. Silva nos apresenta que:

O cristianismo disponibiliza as mulheres os seus modelos de representação, que estas, secularmente tendem a aceitar como naturais e não como histórica e socialmente construídos. Assim, a Igreja encara a mulher fixando imagens, continuamente sujeitas a processos de sedimentação, do que a mulher é, e do que deveria ser. (SILVA, 2009, p.91 e 92).

Na discussão do que “é ser mulher”, os estudos feministas da década de 70 vêm reforçando a idéia de desnaturalização do feminino e masculino, propondo para estes uma categoria sócio cultural. Na medida em que hoje o corpo ocupa a disposição dentro do papel social determinado/ construído para ele enquanto mulher/ homem, novas leituras de gênero se esforçam radicalmente para eliminar qualquer naturalização na noção de diferença sexual (PISCITELLI 2009, p.143).

“E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai”, o homem enquanto macho, forte, tem consigo o dever de carregar nos “ombros”, a graça de um pai, que implica para além da questão da paternidade, uma espécie de mentor, chefe do lar.

A partir dessas discussões do que *é ou não, ser homem ou mulher*, tem-se a desigualdade de gênero como o fruto de uma hierarquização, socialmente construída e naturalizada, que confere a estes, o papel social



que lhes convém. Por exemplo, ao homem a dominação e a mulher a subordinação.

Pretendo aqui, fomentar a discussão ao passo que a mulher ganha centralidade no rito.

A discussão trazida por Hevieu-Léger (2008) merece certa reflexão nesse sentido. A desinstitucionalização da religião na modernidade e a privatização da mesma no sentido de autonomia e racionalidade para escolha religiosa individual, não acarreta conseqüentemente num descumprimento, numa ineficácia dos preceitos pregados pelo rito na vida social das mulheres praticantes?

De fato isso é um ponto que tange o complexo emaranhado das relações sociais, podendo ser aplicável as mulheres que participam do rito; como é no caso das moças desinteiriçadas ao qual já tratei aqui.

Só que, o que os indivíduos fazem para além do ritual, e se a religião perde sentido fora da prática ritualística para eles, não foi algo que abrangeu a perspectiva inicial da pesquisa, e isso me renderia uma proposta interessante para uma continuação dessa produção.

O caso abordado aqui vai de encontro ao objetivo do rito: o de renovação da fé pela/ na família. O rito enquanto prática coletiva. Ao passo que perdura; tido como tradição, fornece sentido á família e aos demais que participam daquele momento, como constatado em campo.

Dizer que na modernidade, a secularização deixou de ocupar o centro da vida sócio-cultural é claro (HEVIEU-LÉGER 2008). Mas, o poder do ritual coletivo já expressado por Durkheim (1793), ainda fornece sentido, ao menos no que toca os objetivos do rito de renovação, como observei:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras e agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1793, p.514).

O rito de renovação inclui a mulher como desempenhando o papel central nessa prática. Temos então um paradoxo, se levarmos em consideração a exclusão hierárquica na instituição religiosa em que as mesmas são submetidas.



A religião católica é resolutamente um espaço de predominância masculina. Simbolicamente a imagem de Deus paterno, remete ao masculino. Hierarquicamente, temos no campo religioso os especialistas como detentores do capital religioso simbólico. Conforme Bourdieu:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um 'corpus' deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2007, p.39, grifos meus)

Em comparação com o campo em questão, a mulher, leiga, enquanto *tiradora* de renovação, é destituída do capital simbólico religioso, detido pelos especialistas; papa, bispo, padre e etc. Isso gera uma hierarquia que acaba sendo imprescindível para o reconhecimento e legitimação dos que possuem o capital simbólico religioso.

A mulher tem muito a ascender no campo religioso. Sua centralidade no rito discutido aqui e inegável, porém, continua hierarquicamente inferior e destituída do capital simbólico, *excluídas*.

Falar de gênero e religião implica também em uma noção de corporeidade. Marcado pelo machismo e conservadorismo, o Nordeste, principalmente nas áreas rurais, mantém hoje, alguns traços dessas características. Albuquerque Jr apresenta-nos um ponto interessante ao tratar do corpo na cultura nordestina:

Nossa cultura sempre tratou mal o corpo, talvez por tê-lo associado ao feminino e tratado mal o feminino por associá-lo ao corporal, numa cultura onde o espírito, a alma e depois a razão sempre foram vistos como a dimensão a ser valorizada no humano, sua dimensão superior, que o aproximava, inclusive do divino, de Deus, este ser incorpóreo. (ALBUQUERQUE JR, 2010, p. 27)

Na citação acima é possível ver como as instituições religiosas lidam com as noções de corporeidade, ou, ao menos o lugar ocupado pelo corpo no intento aproximativo de Deus. Se no nível da experiência, a alma, o espírito, e depois a razão são colocadas como valores, cuja finalidade, seja a



aproximação com o divino, resta apenas que o corpo e incontestavelmente ocultado/ negado em todo o processo.

7. Considerações finais

Este trabalho teve como foco a análise do ritual de Renovação do Sagrado Coração de Jesus e as relações de gênero imbricadas neste. Procurei não deixar de problematizar as implicações que o lugar de fala do pesquisador tem na construção crítica de apontamentos do objeto de pesquisa. Demonstrei o quão significativo é a prática do ritual de renovação no sentido em que confere a renovação da fé e da unidade familiar. Tive a preocupação em estabelecer até que ponto o agir coletivo vai de contrário as ações individuais.

Alguns apontamentos foram feitos no intento dos objetivos estabelecidos: sobre a relevância da centralidade do feminino no ritual bem como a configuração tomada pela disposição gênero.

Paradoxalmente questionou-se o verdadeiro lugar da mulher no campo religioso. Ora hierarquicamente excluída na instituição religiosa; pois destituída do capital simbólico religioso, ora ocupando centralidade; mesmo como leiga, no rito de renovação. Até o afrouxamento das tensões e hierarquias, de joelhos sob o chão, entre músicas e orações, as mulheres do ritual de Renovação do Sagrado Coração de Jesus vão intercedendo pela fé família e a união.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Conferência de abertura Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. Scielo, 2005, p. 22-34. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/tg384/pdf/machado-9788578791193-02.pdf> >. Acesso em: 25 jan. 2015.

ARAUJO, Márcia Regina Soares de. Ritual do evento consagração solene do lar ao sagrado coração de Jesus: renovação. Cadernos de Cultura e Ciência (URCA). v. 10, issn: 19805861, p. 70-75, 2013.



BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: perspectiva, 2001, p. 27-78.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Romarias e romeiros: percursos em campo de investigação que envolve processos de naturalização e fluxos de pessoas. In: Domingos Sávio Cordeiro (Org.). Temas contemporâneos em Sociologia. 01 ed. Fortaleza: Tipografia Íris, 2013, v. 01, p. 23-40.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Ed. Abril, 1973, p. 507-547.

FERNANDES, Glauco Vieira. O sagrado coração enquanto símbolo tradicional. In: Tendências: caderno de ciências sociais. Crato: Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA), 2005, p 101-116.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: vozes, 2004, p. 15- 56.

PEIRANO, Mariza GS. O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Vol. 12. Relume dumará, 2001.

PISCITELLI, Adriana. "Gênero: a história de um conceito." In ALMEIDA, Heloísa Buarque & SZWAKO, José Eduardo (Org.). Diferenças, igualdade. Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2009, 116-148.

SILVA, A. M. S. Mulheres em romaria: imagens do feminino nas romarias de juazeiro do norte ceará. In: 2º Colóquio Imago: caricaturas - imagens e representações da cultura no tempo e no espaço, 2009, Crato-Ce. Tendências - Caderno de Ciências Sociais - Caricaturas: imagens e representações da cultura no tempo e no espaço Anais 2º Colóquio Imago, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. (Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife: SOS Corpo, 1991. p.1-2.

**Disponível em: <
http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott. >. Acesso em: 15 dez. 2014.**